

ERVA CIDREIRA COMO TERAPIA INTEGRATIVA E COMPLEMENTAR PARA IDOSOS PORTADORES DE CÂNCER ATENDIDOS EM HOSPITAL DE REFERÊNCIA

Karyanna Alves de Alencar Rocha (1); Fagner Arruda de Lima (2); Nyanne Leal do Monte (3); Rallyne Kiara Agra Morais (4); Cristina Ruan Ferreira de Araújo (5).

(1) Universidade Federal de Campina Grande; kary.aar@hotmail.com;

(2) Universidade Federal de Campina Grande; fagnerlim@hotmail.com;

(3) Universidade Federal de Campina Grande; nyannelealm@gmail.com;

(4) Universidade Federal de Campina Grande; rallyne2706@gmail.com;

(5) Prof. Dra. da Universidade Federal de Campina Grande; profcristinaruan@gmail.com.

Resumo: Atualmente, um grande número de pessoas portadoras de câncer recorre a diversas possibilidades para tentar buscar a cura, considerando assim a possibilidade de uso de terapias integrativas e complementares como alternativa ao tratamento convencional. O estudo realizado é um recorte de pesquisa sobre o uso de plantas medicinais por pacientes com câncer atendidos na Fundação Assistencial da Paraíba – FAP, hospital de referência em Campina Grande-PB. Teve como objetivo conhecer a prevalência do uso da erva-cidreira (*Melissa officinalis*) por pacientes idosos portadores de câncer, como terapia integrativa e complementar, o que pode trazer estudos mais focados sobre a comprovação da eficácia de tal planta que facilitem o tratamento para os mais variados tipos de câncer. A metodologia utilizada foi a de um estudo transversal, descritivo de abordagem quantitativa, delineando o cenário geral baseado nas respostas colhidas a partir da aplicação de um formulário, tendo como amostra 21 idosos entre 58 e 87 anos. A utilização de plantas medicinais, particularmente a *Melissa officinalis*, representa um saber comum às práticas da população, podendo-se observar um maior uso com o aumento da faixa etária, passado através de gerações, as quais a indicação de uso mais prevalente entre os entrevistados são por meio dos parentes. Grande parcela dos idosos entrevistados acreditam no poder que as plantas medicinais tem para benefício da saúde, mesmo relatando a falta de conhecimento, visto que não há orientação ou prescrições dos profissionais da saúde.

Palavras chaves: Erva cidreira, idoso, câncer.

Introdução

O envelhecimento pode ser compreendido como um processo natural, de diminuição progressiva da reserva funcional dos indivíduos – senescência – o que, em condições normais, não costuma provocar qualquer problema. No entanto, em condições de sobrecarga como, por exemplo, doenças, acidentes e estresse emocional, pode ocasionar uma condição patológica que

requiera assistência – senelidade. Cabe ressaltar que certas alterações decorrentes do processo de senescência podem ter seus efeitos minimizados pela assimilação de um estilo de vida mais ativo (SANTOS et al., 2011).

Quando se discute o uso de plantas medicinais no cuidado de enfermagem, vários são os aspectos que se nos apresentam imbricados. Alguns desses, muitas vezes, colocam-se como impeditivos à prática

profissional, restringindo-se apenas a situações de impasse, ou seja, àquelas em que as práticas convencional, tecnicista e alopática não encontram a saída imediata para a resolutividade de certos problemas de saúde (ALVIM et al., 2006).

Atualmente, um grande número de pessoas portadoras de câncer recorre a diversas possibilidades para tentar buscar a cura, considerando assim a possibilidade de uso de terapias integrativas e complementares como alternativa ao tratamento convencional. Apesar dessa alternativa apresentar um uso crescente a cada dia pela população, o seu modo de funcionamento não é conhecido adequadamente por grande parte das pessoas que a usam, principalmente por não receberem esclarecimentos sobre o assunto, como formas de preparo, quantidade de uso, frequência (MORAES et al., 2011).

A utilização de produtos naturais como agentes anticarcinogênicos começou com a medicina popular e, através dos anos, foi se incorporando gradativamente na medicina alopática. Muitas drogas que são atualmente utilizadas na quimioterapia foram isoladas de determinadas espécies de plantas ou derivadas de um protótipo natural (CEOLIN et al., 2011).

Segundo Oliveira et al (2014), as plantas medicinais são ferramentas de cura e tratamento de doenças. A eficácia destas

plantas e as diversas formas de uso são informações, na maioria dos casos, divulgadas pelo saber popular que acabam por auxiliar no conhecimento científico. O conhecimento empírico se apresenta como principal fonte dos conhecimentos sobre plantas medicinais sendo a população de forma geral, fundamental representante na transmissão dos conhecimentos e práticas culturais passadas através de gerações, dos benefícios das plantas e do seu preparo seja na forma de chás, lambedores, dentre outros.

A *Melissa officinalis* é uma planta medicinal também conhecida como melissa, melissa-romana, melissa-verdadeira, salva-do-Brasil, salva-brasileira, bálsamo-de-abelha, bálsamo-doce, bálsamo-de-limão, dentre outros nomes populares. Pertence a família Lamiaceae. A *Melissa officinalis* é composta pelos constituintes químicos: ácidos caféico, ácidos rosmarínico, ácido clorogênico, ácidos triterpênicos: ursólico e oleânico; óleo essencial volátil (citrinal, citronelal, citronelol, pineno, limoneno, linalol e geraniol), glicosídeos flavônicos, resinas, sesquiterpenos (cariofileno e outros), ácido succínico, tanino (ARAÚJO et al., 2007).

A *Melissa officinalis* é um hipotenso moderado que pode diminuir palpitações do coração causadas pela tensão. (KENNEDY et al., 2006).

O chá de *Melissa officinalis*, além de relaxar e induzir a pessoa ao sono, é indicado para o tratamento da ansiedade, depressão, epilepsia, perturbações nervosas, insônia, histeria, enxaqueca, hipocondria, vertigem e outros distúrbios. Possui um efeito tônico sobre o coração e o sistema circulatório, causando uma leve vasodilatação dos vasos periféricos, auxiliando a reduzir a pressão sanguínea. Ao mesmo tempo que traz benefícios para o sistema nervoso, também possui propriedades medicinais carminativas que beneficiam o sistema digestório, combatendo distúrbios intestinais, como flatulência e cólicas. (KENNEDY et al., 2006).

De acordo com Araújo et al., (2007). O óleo essencial e o chá da *Melissa officinalis* podem beneficiar pacientes com ansiedade e depressão, uma vez que os óleos voláteis na planta (particularmente o citronelal) têm efeito sedativo, mesmo, em concentrações mínimas.

O objetivo do levantamento dos dados desta pesquisa se fundamenta em conhecer a prevalência do uso da *Melissa officinalis* por pacientes idosos portadores de câncer atendidos no Hospital da FAP – Fundação Assistencial da Paraíba, hospital de referência no atendimento de câncer na Paraíba, como terapia integrativa e complementar.

Portanto, o trabalho se justifica na importância de ressaltar a necessidade de fortalecer o conhecimento e reconhecimento da utilização das plantas medicinais pela população, bem como de estudos mais focados sobre a comprovação da eficácia da *Melissa officinalis* que facilitem o tratamento para o câncer, e o surgimento de pesquisas relacionadas à fitoterapia, visto ser uma modalidade de terapia que vem crescendo a cada ano no Brasil e no mundo.

Metodologia

O estudo tem caráter quantitativo, trata-se de um recorte de uma pesquisa do tipo transversal, exploratória e descritiva. A partir de tal estudo foi possível fazer um levantamento do uso da *Melissa officinalis* como terapia integrativa e complementar por pacientes portadores de câncer. Conhecer no sucesso do tratamento da patologia ou uso para alívio dos sintomas indesejáveis do tratamento.

A amostra utilizada no estudo original foi de 21 idosos, que foram submetidos ao preenchimento de formulários para a coleta dos dados. Desse total de pessoas, 9 pessoas se encontram na faixa etária de 58 a 67 anos, 7 pessoas de 68 a 77 anos e 5 pessoas de 78 a 87 anos. Tal pesquisa foi desenvolvida de acordo com resolução nº 466, de 12 de

dezembro de 2012, avaliada e aprovada pelo CEP Hospital Universitário Alcides Carneiro

Resultados e Discussão

Os resultados apontam que os usuários apresentam uma baixa classe social e renda (tabela 1), tornando uma forte relação da baixa classe social com o uso de plantas medicinais pelos idosos portadores de câncer atendidos na FAP de Campina Grande-PB, da referente pesquisa, possivelmente por ser um tratamento complementar mais acessível e de menores custos.

Em sua maioria, os idosos portadores de câncer são residentes da zona urbana, com uma renda média 1 a 2 salários mínimos, relatam não utilizar a *Melissa officinalis* como forma de cura para o câncer, por não ter indicação dos médicos, para não prejudicar o tratamento e por falta de conhecimento. A maioria dos idosos entrevistados relata não ter sintomas indesejáveis após uso da erva cidreira, necessitando de estudos mais profundos sobre tal planta. Por fim, grande parcela ainda vê o uso das plantas medicinais como outra alternativa de cura ou alívio de sintomas advindos pelas patologias, embora necessite de mais informações e orientações dos profissionais de saúde, em especial nas prescrições médicas.

sob o protocolo 17134613.9.0000.5182.

Grande parcela dos idosos entrevistados acreditam no poder que as plantas medicinais tem para benefício da saúde, mesmo relatando a falta de conhecimento, visto que não há orientação ou prescrições dos profissionais da saúde. Informações estas, que impedem, segundo eles, o aconselhamento sobre o uso das plantas, a *Melissa officinalis* particularmente. O repasse de conhecimentos ficou evidenciado neste estudo, onde o conhecimento das representações simbólicas utilizadas na transmissão do saber se amplia através das trocas de conhecimentos entre os membros da família e o meio que convivem.

A *Melissa officinalis* possui forte ação antioxidante. Por isso, irá combater os radicais livres e evitar o envelhecimento celular, prevenir câncer, evitar a degeneração da mácula, proteger o coração e evitar doenças cerebrais degenerativas. Pode-se então, refletir sobre a importância de se desenvolver mais estudos a respeito da terapêutica que a *Melissa officinalis* pode ter ou não quanto ao câncer, e/ou alívio dos sintomas indesejáveis gerados pelo tratamento alopático. Como é importante também, a capacitação dos profissionais de saúde sobre a utilização das plantas medicinais em geral,

para melhor fornecer informações ou intervenções.

Tabela 1 - Aspectos socioeconômicos

Profissão	Estado civil	Classe	Moradia	Renda
33% Aposentado	57% Casados	42% Classe C	76% Zona urbana	33% 1 a 2SM
19% Agricultores	23% Viúvos	23% Classe D	23% Zona rural	23% até 1SM
14% Autônomos	9% Solteiros	14% Classe E		23% 2 a 3SM
9% Do lar		13% Classe B		19% +3SM
4% Comerciantes		4% Classe A		

FONTE: Dados da Pesquisa, 2016.

Tabela 2 - Tratamento

Tipo	Sintomas indesejáveis após tto
61% Radioterapia	52% Relata não ter
28% Quimioterapia	47% Relata ter
4% Radioterapia e Quimioterapia	

FONTE: Dados da Pesquisa, 2016.

Tabela 3 - Uso da Erva cidreira (*Melissa officinalis*)

Cura do câncer	Tto de efeitos indesejáveis	Indicação	Sintomas indesejáveis após uso
80% Não	80% Não	28,5% Parentes	86% Não
14% Sim	14% Sim	14% profissionais 9,5% amigos	14% Não opinam

FONTE: Dados da Pesquisa, 2016.

Tabela 4 - Conhecimento sobre os malefícios ocasionados pelo uso indevido de plantas medicinais

57% Acreditam que não podem vir a fazer mal
38% Acreditam na possibilidade de fazerem mal à saúde
5% Não sabem ou não opinam

FONTE: Dados da Pesquisa, 2016.

Araújo et al. (2007) realizaram uma pesquisa em hospitais da rede pública de saúde de João Pessoa, foram entrevistados por meio de questionários. Essa entrevista teve como objetivo avaliar o uso de plantas medicinais pelos doentes e verificar os seus conhecimentos. No total, 40 portadores de câncer foram entrevistados. Desses, 47,5% afirmaram fazer o uso de alguma planta medicinal. Dentre os confirmados, 58% relataram não usar a planta isoladamente, três revelaram utilizar a planta juntamente com a radioterapia, cinco utilizavam mais de uma planta por vez e três afirmaram fazer o uso associado com os remédios prescritos. A maioria dos pacientes revelou ter começado a usar as plantas por indicação de amigos ou familiares, 79% não informavam aos médicos sobre o uso e todos disseram terem sentido uma melhora relativa nos sintomas.

De acordo com Oliveira et al. (2014), O uso de plantas medicinais e/ou produtos à base de plantas medicinais como tratamento complementar, em concomitância ao tratamento oncológico convencional, pode ser perigoso, uma vez que os medicamentos antineoplásicos, em sua maioria, apresentam baixo índice terapêutico, ou seja, dose terapêutica muito próxima da dose tóxica.

Uma preocupação adicional com o paciente oncológico é que este geralmente necessita receber vários outros medicamentos,

além do quimioterápico, para minimizar as possíveis complicações do tratamento. Desta forma, o uso de plantas associado ao tratamento oncológico pode apresentar consequências indesejáveis, podendo mesmo, em alguns casos, comprometer a vida do indivíduo (Oliveira et al., 2014).

Conclusão

A busca independente por terapias para a cura de sua própria doença ou como forma complementar de alívio dos sintomas, refletem na necessidade dos idosos portadores de câncer serem agentes ativos, implicando no diálogo com o profissional médico sobre o consumo de plantas como terapia complementar à um tratamento alopático.

Acredita-se que os profissionais de saúde precisam tomar para si a responsabilidade de prover informações e orientações sobre o uso de uma terapia, seja ela convencional ou complementar, sua melhor forma de obtenção e preparo, visto ser uma questão cultural. A prevenção e tratamento do câncer nos idosos se configuram em um problema de saúde pública que gera uma curiosidade científica e estimula a realização de buscas e pesquisas sobre tal temática.

A utilização de plantas medicinais, particularmente a *Melissa officinalis*,

representa um saber comum às práticas da população, podendo-se observar um maior uso com o aumento da faixa etária, passado através de gerações, as quais a indicação de uso mais prevalente entre os entrevistados são por meio dos parentes. Os entrevistados endossam as propriedades terapêuticas das plantas medicinais, principalmente na forma de chás, no que diz respeito à importância do incentivo destas práticas integrativas e complementares para amenizar sintomas advindos de enfermidades, bem como, na realização de práticas educativas que orientem os pacientes adequadamente sobre as propriedades terapêuticas de cada planta, formas de preparo e utilização.

Referências Bibliográficas

- ALVIM, N.A.T.; FERREIRA, M.A.; CABRAL, I.V.; FILHO, A.J.A. O uso de plantas medicinais como recurso terapêutico: das influências da formação profissional às implicações éticas e legais de sua aplicabilidade como extensão da prática de cuidar realizada pela enfermeira. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, Rio de Janeiro. v.3, n.14, p.3, jun.2006.
- ARÁUJO, E. C. et al. Uso de plantas medicinais pelos pacientes com câncer de hospitais da rede pública de saúde em João Pessoa (PB). *Espaço para a Saúde*, Londrina, v.8, n.2, p.44-52, jun. 2007.
- CEOLIN, T.; HECK, R.M.; BARBIERI, R.L.; SCHWARTZ, E.; MUNIZ, R.M.; PILON, C.N. Plantas medicinais: transmissão do conhecimento nas famílias de agricultores de base ecológica no Sul do RS. **Revista Escola de Enfermagem USP**, São Paulo. v.1, n.45, p.47-54, 2011.
- KENNEDY, D.O.; LITTLE, W.; HASKELL, C.F.; SCHOLEY, A.B. Anxiolytic effects of a combination of *Melissa officinalis* and *Valeriana officinalis* during laboratory induced stress. **Phytother Res.** v.2, n.20, p.96–102, 2006.
- MORAES, L.G.; ALONSO, A.M.; FILHO, E.C.O. Plantas medicinais no tratamento do câncer: uma breve revisão de literatura. **Universitas: Ciências da Saúde**, Brasília. v.1, n.9, p.77-99, jun.2011.
- OLIVEIRA, L.A.R. et al. Levantamento sobre o uso de plantas medicinais com a terapêutica anticâncer por pacientes da Unidade Oncológica de Anápolis. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais** v.16, n.1, p.32-40, 2014.

SANTOS, S.S.C.; BARLEM, E.L.D.; SILVA,
B.T.; CESTARI, M.E.; LUNARDI, V.L.

Promoção da saúde da pessoa idosa:
compromisso da enfermagem
gerontogeriatrica. **Acta Paul Enferm**, Rio
Grande. v.4, n.21, p.649-53, jun.2008.